

províncias ou grupos de províncias. Um mapa situado no fim do volume e o índice alfabético das cidades permitem uma localização rápida dos tópicos de interesse do consulente, havendo ainda um outro índice alfabético, o dos autores citados.

VICTOR DEODATO DA SILVA.

*

* *

PRITCHARD (E. E. Evans). — *Las teorías de la religión primitiva*. Coleção Siglo Veintiuno, tradução de Mercedes Abad e Carlos Piera, do original *Theories of primitive religion*. Madrid, España Editores, 1973, 200 páginas (10,5 x 18 cm).

Lançado na língua espanhola pela Coleção Siglo XXI, engloba uma série de quatro conferências pronunciadas em 1962 no *University College* de Gales, em Aberystwyth, abordando as principais teorias que servem de embasamento ao estudo das religiões primitivas.

Na introdução, o autor destaca a importância do estudo do comportamento religioso do povo primitivo para uma melhor compreensão do pensamento atual, citando explicitamente

“a importância que têm as línguas e religiões da China e Índia para a compreensão da linguagem e religião em geral” (1).

Estudando as teorias psicológicas, enfoca seus principais representantes, criticando-os seriamente, como se pode verificar em sua afirmativa de que

“Muller e os demais partidários da mitologia natural levaram suas teorias ao absurdo” (2).

Aludindo a Spencer e Tylor, o autor faz uma análise dos conceitos individuais procurando mostrar até que ponto um teórico exerceu influência sobre o outro, apreciando também a conceituação de magia segundo enfoques dados pelas várias teorias.

Na abordagem das teorias sociológicas, o autor procura captar nas sociedades primitivas, a interdependência dos ritos e mitos, através também de clássicos como Fustel de Coulanges e de grandes sociólogos, vendo o animismo como um estágio superior ao naturalismo, ao mesmo tempo que analisa minuciosamente o princípio totêmico.

(1). — PRITCHARD (E.E. Evans), *Las Teorías de la religión primitiva*, pág. 13.

(2). — *Id.*, *ibid.*, pág. 45.

Ao tratar da teoria de Levy-Brühl, justifica-se por não o haver incluído entre os sociólogos, dirigindo a crítica em termos comparativos com Tylor e Trazer e seguidamente com Pareto, destacando a originalidade de tratamento dada por este último à participação mística.

Concluindo, alega serem as teorias discutidas já superadas entre os antropólogos, afirmando que a falta de atração que exercem, se prende ao fato de

“a religião ter deixado de ocupar o pensamento do homem na intensidade que o fazia em fins do século passado e princípios deste” (3).

Justifica ainda a impossibilidade de teorias como as de Tylor, Muller ou Durkheim, serem utilizadas nas investigações de campo.

Tratando-se de uma obra que aborda de maneira clara e sucinta, como sugere o título, as mais importantes teorias sobre as religiões primitivas, interessa não somente aos antropólogos e sociólogos, mas também aos estudiosos de história das religiões.

MARIA MARTHA PIMENTEL DE MELLO.



VALDEAVELLANO (Luis Garcia de). — *Curso de Historia de las Instituciones españolas: De los orígenes al final de la Edad Media*, 3a. ed. cor. aum., Madrid, Revista de Occidente, (c. 1973), 1a. ed. 1968, xiv 762 p., 8º (21 x 15,5 cm.).

Valdeavellano é um historiador espanhol de renome internacional. Ensinando em várias Universidades de ciências políticas e económicas de sua pátria, é, sobretudo, um notório medievalista seguidor da escola de Sánchez-Albornoz. Este, continuador de seus mestres do final do século XIX na elaboração historiográfica científica, baseava-se rigorosamente em fontes, e preocupava-se com a precisão filológica e toponímica em seus trabalhos sobre a história das instituições espanholas. Sánchez-Albornoz insistia, sobretudo, em investigar as origens medievais da constituição político-social da Espanha, valorizando os elementos romanos, germânicos e cristãos em detrimento dos judaicos e muçulmanos fato este que lhe valeu algumas polémicas. Em tudo o segue Valdeavellano, de que, dentre as várias obras publicadas, destaca-se esta como exponencial, tendo sido merecedora do “Prêmio Fastenrath” da Real Academia Espanhola. Inclusive, o autor vale-se continuamente da autoridade de seu mestre como apoio às várias afirmações que formula.

(3). — *Id.*, *ibid.*, pág. 161.